

## **Caso Isabela Oliveira: Análise dos Portais G1 e R7<sup>1</sup>**

Laise da Silva PAULA<sup>2</sup>

Vinicius Santos SOUSA<sup>3</sup>

José Roberto MEDEIROS JÚNIOR<sup>4</sup>

Thamyres SOUSA de Oliveira<sup>5</sup>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão

### **RESUMO**

O presente artigo analisa a cobertura midiática feita pelos portais G1 e R7 do caso Isabela Oliveira. Fazendo a observação da forma como o fato foi tratado pelos dois veículos de comunicação, que são diretamente ligados a duas grandes emissoras do Brasil, Rede Globo e RecordTV, as quais exercem grande influência sobre a opinião pública do país e ajudam a construir representações diante do público. Inicialmente, apresentamos o conceito de representação, posteriormente, discutimos como o jornalismo colabora na construção de representações e, por fim, fizemos à análise em que percebemos que existe grande responsabilidade do jornalismo na forma como ele constroem as representações para o público, principalmente em relação à abordagem de assunto delicados.

**PALAVRAS-CHAVE:** representações; jornalismo; cobertura midiática;

### **INTRODUÇÃO**

O jornalismo, desde sua criação até o momento atual, atua como um prestador de serviço à sociedade e como uma das principais formas de influência da opinião pública. O rádio e a TV, primeiros meios de comunicação de massa, tiveram por muito tempo a responsabilidade de ser fonte de informação para a sociedade. Mas com os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da internet, o jornalismo se estendeu também a outras plataformas que viabilizam um público cada vez mais ativo e produtor de conteúdo, tais como os portais. Com a criação dos portais, o público pode ter maior interação com os jornalistas, participando de forma mais ativa, até mesmo, no modo de fazer jornalismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA, e-mail: laisepaula98@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA, email: viniussantosm25@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio CEUT, email: juniormedeirtos85@hotmail.com.

<sup>5</sup> Jornalista pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2013). Membro pesquisador no NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Professora na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e no Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão- UniFacema . Orientadora do Trabalho. E-mail: sousathamyres@yahoo.com.

---

Com o advento da internet, os portais de notícias ganharam as responsabilidades que os meios, como o impresso, o rádio e a TV já tinham, pois rapidamente obtiveram grande espaço no jornalismo, muitas vezes sendo a primeira forma de informação do dia de muitas pessoas. A partir disso, os portais de notícias também criam formas de representações na sociedade, levantando diversas questões presentes no dia a dia.

Através da análise dos portais, G1 e R7, na cobertura do caso Isabela Oliveira, fato ocorrido no estado de São Paulo, que teve repercussão nacional por se tratar de um crime brutal contra mulher, é possível perceber as divergentes abordagens propostas pelos dois veículos de comunicação e a forma como cada um criou uma diferente representação do caso.

Isabela Oliveira, vítima de um feminicídio, ocorrido na cidade de Franco da Rocha (SP) no dia 3 de março de 2019, onde após ter sofrido um possível abuso sexual pelo cunhado, pois a mesma se encontrava alcoolizada, foi agredida pelo então namorado, Willian Felipe. Após agressões, ele ateou fogo na vítima que teve 80% do corpo queimado, levando-a óbito. É importante notar a forma como se deu a construção dos textos feitos pelos portais e até mesmo como cada palavra foi usada para se referir a Isabela e aos demais envolvidos no fato.

A análise proposta ressalta a importância do jornalismo na sociedade e a influência que ele ainda exerce na mesma, mostrando o impacto que cada frase utilizada na construção de uma matéria gera nos indivíduos, que podem reagir de forma negativa ou positiva a elas.

## **Representações**

A primeira definição de representação provém do sociólogo Emile Durkheim, a chamada representação coletiva. Durkheim “desejava enfatizar a especificidade e a primazia do pensamento social em relação ao pensamento individual” (HERZLICH, 2005, p.58). O sociólogo propunha que “as representações coletivas, por serem fruto dos acontecimentos sociais, se constituem em fato social e, como tal é resultado de uma consciência coletiva e não de uma consciência individual.” (CRUSOÉ, 2004, p.106).

A partir do conceito de representação de Durkheim surgem diversos outros estudos sobre representações, como de Roger Chartier sobre representações sociais. Chartier considera que “as representações são entendidas como classificações e divisões

que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real” (CHARTIER 1990 apud CARVALHO, 2005, p. 149). Desse modo, compreendemos que as representações, de certo modo, colaboram com a construção do real, uma vez que tentam categorizá-lo.

Contudo, conforme Chartier (1990), a construção das representações não se dá ao acaso, pois elas resultam de estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), que devem sempre ser consideradas no momento em que algumas imagens são formatadas (CHARTIER, 1990).

Ainda segundo Chartier (1990),

“à noção de " representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.” (CHARTIER, 1989, p. 183)

O autor, de certo modo, apresenta o conceito de representação como resultante de um processo em que ocorre o fortalecimento de identidades e destaca também que essas representações são construídas com o auxílio de grupos (representantes de instâncias coletivas) ou até mesmo de indivíduos singulares que ocupam uma posição de poder na sociedade.

Para Carvalho (2005, p.151) “As representações não se opõem ao real; elas se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social, do próprio real”. A noção de representação apresentada por cada pessoa ou grupo social se baseia na visão de mundo que cada uma delas possui e na forma como as representações que já tinham sido construídas anteriormente as atingiu.

Assim é entendido que as representações são construídas a partir de vivências dos indivíduos na sociedade e que de certo modo são resultado de uma junção de diversas outras formas de representações que surgem na sociedade.

## **O jornalismo e sua contribuição para a construção de representações**

Diante aos vários conceitos empregados ao jornalismo, pode-se dizer, que, segundo Nelson Traquina (2012)

o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimento e de morte, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia (TRAQUINA, 2012, p.19)

A partir do conceito de Traquina (2012), percebemos a influência que o jornalismo tem em nosso cotidiano, apesar das interferências que ocorrem e que tentam moldar a forma de se fazer jornalismo. O jornalista tem grande responsabilidade em como apresenta essa realidade, pois conforme o autor,

Existe um acordo tácito entre os que escolhem esta profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenções dos jornalistas (TRAQUINA, 2012, p.20)

Desse modo, percebemos que o autor reforça o compromisso que o jornalismo possui com a construção do real, embora saibamos que o real é condicionado a percepções, conjuntura e outros fatores.

Desde que o jornalismo se firmou como profissão e até antes disso, ele é visto como essencial na sociedade, tanto para trazer a informação quanto para a manutenção da democracia, “os jornalistas fazem parte de uma profissão, talvez uma das profissões mais difíceis e com maiores responsabilidades sociais” (TRAQUINA, 2012, p.22).

A influência exercida pelo jornalista na sociedade traz consigo a grande responsabilidade que ele carrega, pois é através dele, mais precisamente de suas palavras, que o público formula sua forma de pensar e escolhe o que toma pra si como verdade. A profissão de jornalista, como aborda Traquina (2012), “é uma profissão de enorme responsabilidade social, exigente, difícil e, em última análise, perigosa, e que os

---

jornalistas enfrentam decisões difíceis sob intensas pressões” (TRAQUINA, 2012, p.30).

Devido às diversas responsabilidades que o jornalismo carrega, o mesmo passou a ser designado como o “Quarto Poder”, pois foi era a partir dele que a opinião pública poderia se manifestar. Conforme Traquina (2012) “os jornais eram vistos como um meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania insensível”. Com o advento de tecnologias como a internet, essa percepção de quarto poder foi dividida entre os jornalistas e o público que agora exercem uma maior participação na construção do jornalismo, através das sugestões de pautas e até mesmo de conteúdos para as mídias.

Ainda assim, o papel do jornalista na democracia, deve ser portar-se como um “agente da verdade”, como quem deve trazer informação sem interferências externas, embora saibamos que é impossível ser isento, por completo, pois esse profissional é dotado de subjetividades. Contudo, perseguir a objetividade é imprescindível para que a informação seja dada sem qualquer forma de censura. Traquina (2012) destaca que “Tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia”.

De acordo com Sales e Ruiz (2009, p.71) “A imprensa livre seria, portanto, um expoente contemporâneo da liberdade, assumir várias formas, segundo o processo de produção de informações e de trabalho de jornalista”. Pode-se dizer então que, segundo Marx (2006, apud. Sales e Ruiz, 2009, p.71) “A imprensa livre é o olhar (...) do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o veículo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais (...)”.

Apesar desta constante busca por um jornalismo isento, observamos o jornalista como alguém que, por meio do seu trabalho, tem certa influência sobre o imaginário simbólico coletivo e insere-se em ambientes dotados de interesses políticos, sociais e mercadológicos que, de certo modo, interferem na construção das representações do social. Chartier (1990), afirma que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”. A partir desta afirmação é possível perceber certa ligação com os diversos grupos de comunicação e a forma como eles se utilizam de seus espaços para construir representações.

---

Com base na afirmação de Chartier (1990), é possível perceber a interferência que o jornalismo faz em relação aos assuntos vinculados por ele, segundo Costa (2009),

Quando o jornalista realiza a representação de uma representação, ele está indo muito além da questão dos ditos pilares verdade, justiça e ética. Porque nunca conseguirá uma representação “pura”. Sempre estará reproduzindo visões de outrem – sem contar a presença de todos os outros que formaram a sua própria visão de mundo. (COSTA, 2009, p.38)

Ao longo dos anos grande parte das empresas jornalísticas tem se utilizado de representações baseadas na visão de mundo dos donos de jornais e dos próprios jornalistas, assim gerando uma continuação de antigas formas de representação, como aborda Costa (2009),

Não há na comunicação forma possível de representação sem o uso de outra representação, seja por meio da imagem fria e pseudo-objetiva de uma câmera de televisão ou cinema ou o rigor matemático de uma fotografia, acompanhada ou não da palavra, da declaração de uma vítima ou personagem qualquer a respeito de um incidente ou de um fato qualquer. (COSTA, 2009, p.39)

Visto que o jornalismo constrói representações que moldam a sociedade, é importante ressaltar que a abordagem jornalística de certos assuntos podem gerar diversos caminhos, sendo eles bons ou ruins, não só para o jornalismo, mas para a sociedade em geral.

Assim, a atividade jornalística deve prezar pela responsabilidade social, pois a prática desta de forma negligente prejudica a forma como o jornalismo é visto. O jornalista tem o dever de ter uma conduta ética diante das várias situações em que se coloca e que se é colocado, pois as representações sociais que ele cria, através de seus textos, podem causar muitos conflitos sociais.

### **Conhecendo o Caso Isabela Oliveira**

No dia 03 de maio de 2019, a estudante Isabela Miranda Oliveira de 19 anos, e o namorado William Felipe de 21 anos, foram a uma chácara na cidade de Franco da Rocha em São Paulo após um convite de uma amiga. O casal e o grupo de amigos que estavam na chácara decidiram jogar partidas de dominó, nas quais quem perdesse teria que tomar doses de uma bebida alcoólica. O casal e os amigos ficaram alcoolizados.

---

Logo após a brincadeira a jovem passou mal, e sua amiga que havia a convidado para a chácara ofereceu ajuda, deu banho e colocou Isabela para descansar em um quarto. (GLOBO, 2019)

William Felipe, namorado da estudante, teria encontrado Isabela Oliveira no quarto com seu cunhado, Leonardo Silva, que segundo testemunhas teria abusado da jovem pois a mesma se encontrada bêbada no quarto. O namorado então teria agredido a jovem, com ajuda de sua irmã, e após a agressão Willian ateou fogo em Isabela. Willian foi preso em flagrante. (GLOBO, 2019)

Isabela teve 80% do corpo queimado, não resistiu aos ferimentos e morreu no dia 7 de março de 2019.

Tendo em vista a repercussão que o caso ganhou na época, em função do modo como a jovem morreu desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, nos utilizando da metodologia de análise de conteúdo com base em Bardin (2011) e fizemos uma análise comparativa de como os portais G1 e R7 noticiaram o caso. A escolha deste portais para análise se deu pela importância e o grande alcance que eles tem, pois estão diretamente ligados a dois dos maiores grupos de comunicação do Brasil, Rede Globo e RecordTV. As matérias escolhidas foram as primeiras e as últimas matérias que cada portal noticiou sobre o caso, para mostrar quais os enfoques os mesmos deram para os desdobramentos do caso.

### **A cobertura do caso Isabela Oliveira pelo portal G1**

O caso de Isabela aconteceu no dia 03 de março de 2019, porém o portal G1 o noticiou apenas no dia 08 de março, dia Internacional da Mulher, com o texto intitulado de “Mulher morre em SP após ter o corpo queimado pelo namorado”. A representação que o G1 oferece da Isabela é que ela é uma “mulher”, representação que muitas vezes é marginalizada devido aos estereótipos colocados na sociedade, como se a mulher não tivesse direito ao próprio corpo ou como se não tivesse direito a si mesma. Na visão masculina, o homem sempre é representado com uma função, na escolha do título o termo “namorado” procura chamar a atenção do leitor, uma vez que essa não é uma conduta que se espera de um namorado.

A reportagem traz as primeiras informações da morte de Isabela, em seguida dá os detalhes de como o crime aconteceu.

Percebemos que a reportagem não se limitou apenas a abordar o caso Isabela isolado do contexto de violência contra a mulher que o país vive. Em um trecho da matéria o próprio jornalista diz “A morte de Isabela não é um caso isolado”. A reportagem aborda os altos índices de feminicídio no Brasil, com o tópico “Número de feminicídios cresce”. O tópico traz informações sobre um levantamento feito pelo próprio G1 sobre o feminicídio no Brasil e dispõe de um hipertexto, apresentado por Ferrari (2010) como um texto elástico, aquele que se expande e se contrai conforme as solicitações do leitor. O hipertexto permitiu que o texto fosse melhor explorado e o leitor pudesse entender um pouco mais sobre feminicídio no Brasil.

Com base nos dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal. Foram 1.173 registros no ano passado; já em 2017, foram 1.047”. (G1,2019).

É interessante também reforçarmos que na reportagem publicada pelo o portal G1, além de ser representada como “mulher”, Isabela também é representada como mulher e “vítima”. O texto suscita uma discussão sobre a violência contra a mulher, trazendo dados que comprovam que casos como o da Isabela não seja um caso isolado, mostrando um mapa para que o leitor acompanhe os casos de feminicídios ano a ano no país.

Em outra parte do texto, Isabela é representada como “estudante, alguém que se dedica à leitura de conhecimentos sobre determinada ciência, disciplina ou arte. Percebe-se também a preocupação do portal em mostrar que a moça tinha uma ocupação quando o mesmo coloca que “A jovem fazia faculdade de administração e trabalhava”. Tendo em vista que as representações surgem a partir de um fortalecimento de identidades, observamos que o portal quis oferecer ao público a impressão de que Isabela dentre as identidades que possuía era mulher, estudante e também alguém que trabalhava. Representações que muitas vezes são compreendidas pela sociedade em geral como de pessoas “de bem”. O trecho da entrevista feita com as primas de Isabela , Janusa Correia e Bruna Mantena, reforçam essa construção . Na fala de Janusa, a jovem é descrita como "Uma menina de ouro, estudiosa, ótima filha, estava trabalhando em uma multinacional, estudando inglês, para subir na vida" e na entrevista com Bruna, Isabela foi apresentada como “Uma menina muito bonita, com sorriso muito fácil, é uma menina que contagia onde passa. É difícil de acreditar."



---

A juventude de Isabela também foi frisada na matéria e o jornalista se utilizou da fala de um entrevistado para construir essa representação “Quando falaram que atearam fogo nela, agrediram ela, que abusaram dela. É uma situação que não dá para acreditar. Era uma menina de 19 anos que tinha a vida inteira pela frente, sabe”.

É interessante também ressaltarmos que Isabela foi apresentada pelo portal na condição de “vítima”, mas no subtítulo da reportagem percebemos que o G1 buscou a fala de testemunhas para reforçar ou para legitimar a ideia de que a mesma era vítima. Observa-se tal postura no seguinte texto: “Isabela Miranda de Oliveira foi morta após crise de ciúmes do namorado, que a encontrou na cama com outro homem; autor do crime está preso. Testemunhas dizem que ela estava bêbada e foi vítima de abuso.”.

### **A cobertura do caso Isabela Oliveira pelo portal R7**

Já no portal R7, a primeira matéria sobre o caso só foi publicada, no dia 06 de março, e trazia o seguinte título “Jovem tem 80% do corpo queimado após ser flagrada na cama com o cunhado”, a imagem usada na matéria era uma reprodução do programa “Cidade Alerta” da Record TV, e se tratava de uma foto de Isabela e uma tarja com as tags “Isabela: churrasco, tortura e morte”. Minutos depois da publicação da matéria, o público utilizou as redes sociais para contestar o título. Ao se utilizar deste título para a matéria, o jornalista contribui para que se crie uma imagem negativa da jovem, criando uma espécie de justificativa para o que aconteceu com o Isabela e de certo modo culpabilizando-a pelo crime.

Após a repercussão de forma negativa da matéria, o portal R7 atualizou o título para “Mulher passa mal, é abusada pelo cunhado e torturada pelo namorado”, porém a imagem com a tarja continuou. Nesse primeiro momento podemos perceber a influência do público interferindo na matéria através do poder que a internet dá aos indivíduos.

De imediato, notamos que em nenhum momento foi citado o termo feminicídio ou problematizado o ocorrido a partir desta situação. O título não esclarece a forma como o fato aconteceu, deixando aberta a diversas interpretações, inclusive a de que a mulher possa ter sido responsável pela sua própria morte.

Na segunda matéria publicada pelo portal R7 no dia 08 de março, com o título “Caso Isabela Miranda: jovem morre após ser espancada e queimada pelo namorado”. Isabela é representada como “jovem” e “vítima”. Em um trecho da matéria trazem um

---

relato de testemunhas de como Isabela estava vestida no momento que foi abusada sexualmente, o que diante da problemática de feminicídio não contribui de forma positiva para a construção da matéria, mais uma vez é percebido a tentativa de encontrar uma justificativa ao fato ocorrido. “Segundo o relato dos familiares da vítima, a garota foi colocada em um quarto para que se recuperasse da embriaguez. Como vestia apenas um biquíni, amigos a teriam coberto com um lençol. No entanto, conforme disse o tio da vítima, o namorado da cunhada de Isabela teria ido até o quarto e estuprado a jovem enquanto ela ainda dormia”. (R7, 2019)

Outro relato na reportagem é o da polícia, uma fonte oficial (o que tanto para o público quanto para o jornalista, muitas vezes é sinônimo de que o relato é uma “verdade absoluta”, uma informação com credibilidade). A polícia contesta a versão da família e afirma que Isabela e o cunhado teriam feito sexo consensual, diferente da versão que foi apresentada pelos familiares de Isabela, em que se relatou que houve abuso. “A polícia trabalha com a hipótese de Isabela e o rapaz terem realizado sexo consensual. No entanto, a amiga e o namorado de Isabela teriam flagrado o ato. Então, teria ocorrido uma intensa discussão entre os dois homens. Isabela e o outro rapaz foram espancados”. (R7, 2019)

Sem um grande aprofundamento, as matérias apresentam o fato superficialmente e como um caso isolado. A falta de reflexão e de preparo teórico resulta num jornalista mais alienado e acomodado, menos crítico e que não vê possibilidades de um agir diferente daquilo que já está determinado. Sem a reflexão, o profissional pode nem ter consciência de que pode agir de forma a construir uma sociedade mais democrática. (PACCOLA, 2006, p. 02)

Desse modo, percebemos que as representações que o R7 construiu de Isabela foram feitas de forma negativa para o público, não contribuindo para a reflexão sobre a problemática da violência contra a mulher.

Há quase quatro anos da lei do feminicídio, boa parte da mídia ainda tem dificuldade em abordar esse assunto para o seu público e visam apenas o lucro. Nas análises das três matérias vinculadas, uma pelo portal G1 e duas pelo portal R7, sobre o caso Isabela Oliveira, a versão de crime de gênero, foi abordada apenas pelo portal G1, porém a matéria foi publicada cinco dias depois do crime, o que demonstra certo descaso da imprensa com um tema que é de interesse público. Só houve preocupação em noticiar o fato, apenas quando a jovem morreu.

---

Após repercussão negativa, o portal R7, teve a necessidade de trazer dados sobre o feminicídio no Dia Internacional da Mulher, o que demonstra que o público também se preocupa com essas representações que o jornalismo é capaz de construir e cobra que os veículos jornalísticos tenham bom posicionamento.

Vale ressaltar que nenhuma das matérias descreveu com mais detalhes quem era a Isabela Oliveira e tudo o que foi interrompido com o fim de sua vida, a maior parte da notícia foi construída com a descrição do crime e trechos dos depoimentos das testemunhas, como a da tia da vítima.

No portal R7, houve a negligência e a falta de ética dos profissionais ao publicarem a primeira matéria, a nota é pautada na versão oficial do delegado e testemunhas, apesar de se tratar de um fato com desdobramentos. A mudança na cobertura apareceu somente após a repercussão negativa nas redes sociais.

Na segunda matéria publicada pelo portal R7, é contestado se realmente houve um estupro, e o traje da moça é descrito na matéria como “Como vestia apenas um biquíni, amigos a teriam coberto com um lençol”, “A polícia trabalha com a hipótese de Isabela e o rapaz terem realizado sexo consensual”, “A amiga e o namorado de Isabela teriam flagrado o ato” assim culpabilizando a vítima.

O feminicídio aparece como algo reivindicado pela mobilização das redes sociais, no último parágrafo da reportagem do portal R7 “Como a maioria das publicações da jovem estão em modo público, os internautas criaram uma hashtag e estão pedindo justiça nos comentários com a frase: "#QUEREMOSJUSTICA #QUEREMOSRESPOSTA. NENHUMA MULHER A MENOS! NENHUM FEMINICÍDIO A MAIS!!!"

Observamos que, apesar da tentativa do G1 de fazer algo diferenciado, os conteúdos jornalísticos analisados ficaram centrados na descrição do crime. É importante ressaltar também que as matérias que abordaram o caso foram escritas por jornalistas homens, o que pode influenciar de certo modo nas representações construídas pelos mesmos. Devido ao contexto de opressão e submissão que mulheres convivem/conviveram há muito tempo eles possuem uma maneira mais sensível para analisar situações como essas. Contudo, apenas o G1 problematizou o fato de Isabela ter sido vítima de um crime brutal. Por isso, concluímos que na cobertura midiática deste caso o portal R7 não colaborou no combate à violência contra a mulher e no entendimento do feminicídio e contribuiu para o fortalecimento de representações ruins

---

a respeito da vítima e da mulher como um todo. O referido portal deixou de suscitar na sociedade uma reflexão mais aprofundada sobre a temática feminicídio, que é urgente e ainda muito invisibilizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise, percebemos que é notório a responsabilidade do jornalismo na forma como se cria as representações. O feminicídio se trata de um assunto importante, atual e necessário para que se faça um trabalho ético, que leve ao público a uma reflexão mais aprofundada sobre o tema.

Também é importante ressaltar que o público já não se porta de forma passiva aos acontecimentos e se utiliza do poder que a internet possibilitou. O público reage rapidamente colocando sua opinião do que acha certo ou errado, a partir de sua vivência e experiências ao longo da vida.

Este artigo pretende levar uma reflexão sobre a importância do trabalho jornalismo e de como ele deve ser utilizado para tratar de assuntos tão presentes para a sociedade, como o feminicídio. O jornalismo deve ser feito de forma que contribua para uma discussão social de temas como o feminicídio, mostrando que o jornalismo é de fato um serviço público que, mesmo com os avanços tecnológicos, ainda consegue ser bastante influente na opinião de cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS

HERZLICH, Claudine. **A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença**. Disponível em: <<http://ecos.ufsc.br/files/2013/08/Claudine-Herzlich-A-problem%C3%A1tica-da-representa%C3%A7%C3%A3o-social-e-sua-utilidade-no-campo-da-doen%C3%A7a.pdf>> Acesso em: 5 de abril de 2019

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua Importância para a Pesquisa em Educação**. Disponível em: <[http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf\\_121](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121)> Acesso em: 5 de abril de 2019

---

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O Conceito de Representações Coletivas Segundo Roger Chartier.** Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860011.pdf>> Acesso em: 6 de abril de 2019

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações.** Lisboa: Difel, 1990.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Porque as Notícias São como São.** Florianópolis: Insular, 2012.

RUIZ, Jefferson Lee de Souza, SALES, Mione Apolinario. **Mídia, Questão social e Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2009.

COSTA, Caio Túlio. **Jornalismo como representação da representação: implicações éticas no campo da produção da informação.** Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Jornalismo-como-representa%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 9 de abril de 2019

PACCOLA, Carina. **O papel do jornalista e a democracia.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/60400664661852641982750161524254583930.pdf>> Acesso em: 13 de abril de 2019

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital.** São Paulo: Contexto, 2014

ROCHA, J.M. **O Local e o Global: Conceitos e Tendências do Ciberjornalismo Regional de Dourados.** Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/8/12.pdf>> Acesso em: 15 de abril de 2019

G1.globo.com, **Mulher morre em SP após ter o corpo queimado pelo namorado.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/08/mulher-morre-em-sp-apos-ter-o-corpo-queimado-pelo-namorado.ghtml>> Acesso em: 13 de abril de 2019

R7.com, **Caso Isabela Miranda: jovem morre após ser espancada e queimada pelo namorado** Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/folha-vitoria/caso-isabela-miranda-jovem-morre-apos-ser-espancada-e-queimada-pelo-namorado-08032019?amp>>  
Acesso em: 13 de abril de 2019

R7.com, **Mulher passa mal, é abusada pelo cunhado e torturada pelo namorado.** Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/cidade-alerta/videos/mulher-passa-mal-e-abusada-pelo-cunhado-e-torturada-pelo-namorado-07032019>> Acesso em: 13 de abril de 2019